

LITERATURA INFANTIL NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: PEQUENOS LEITORES FRONTEIRIÇOS

Literatura Infantil en la Frontera Brasil-Bolivia: Pequeños Lectores Fronterizos

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos*

Resumo: Este artigo é um relato das atividades práticas de literatura infantil, em uma Escola de Educação Integral Rural situada no Assentamento Tamarineiro I, em Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Trata-se de uma vivência literária com crianças entre 7 e 10 anos que objetivou através da literatura infantil boliviana, estimular a criatividade, indagações, fantasias, realidade no sentir-se fronteiriço, enfatizando a perspectiva humanizadora da literatura. Caminhando nesse elo: fronteira, leitura e construção da identidade, que se procurou, nesta intervenção, conceituar essas temáticas de maneira interligada, pontuando questões empíricas com as obras infantis boliviana “Horacio y sus amigos” e Juanito y los frijoles mágicos”.

Palavras-chave: literatura, fronteira, criança.

Resumen: Este artículo es un relato de las actividades prácticas de literatura infantil, en una Escuela Rural de Educación Integral ubicada en el Asentamiento Tamarineiro I, en Corumbá-MS, en la frontera Brasil-Bolivia. Es una experiencia literaria con niños de 7 a 10 años que tuvo como objetivo, a través de la literatura infantil boliviana, estimular la creatividad, las preguntas, las fantasías, la realidad en el sentimiento fronterizo, enfatizando la perspectiva humanizadora de la literatura. Caminando en este vínculo: frontera, lectura y construcción de identidad, que se buscó, en esta intervención, conceptualizar estos temas de manera interconectada, puntuando cuestiones

Introdução

Sabemos que leitura é um tipo específico de comunicação, é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural. A leitura perpassa todas as áreas do conhecimento e a vida do ser humano, sendo uma forma de o homem se situar no mundo, dinamizando-o.

O livro permanece ainda hoje como a forma mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura. Apresento este trabalho a partir das experiências literárias com crianças entre 7 e 10 anos na Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso”, situada no Assentamento Tamarineiro I na região do Jacadigo, a 15 km do perímetro urbano em Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia.

Quando se discute fronteira, precisa-se delimitar de que fronteira está se falando, pois a mesma tem um poder

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestra em Estudos Fronteiriços pela mesma Instituição. Membro do Grupo de Pesquisa LIFROS-“Literatura, Fronteira e Sociedade”, e do GEPDGE Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação. É pesquisadora do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais. E-mail: tarissamarques@gmail.com.

empíricas con las obras infantiles bolivianas "Horacio y sus amigos" y Juanito y los frijoles magos".

Palabras clave: literatura, frontera, niño.

polissêmico. Aqui ela é entendida como uma fronteira vivida com significado e significação do olhar de quem vive na fronteira (NOGUEIRA, 2005).

Os fronteiriços olham a fronteira como a sua morada, onde acontece o seu cotidiano, seu ritmo, suas relações de afetividade, emergindo de tal forma o seu lugar. Conforme Pereira (2003) as pessoas que vivem nas fronteiras não partilham apenas o território, mas toda uma cultura, elas deixam de pertencer a um ou outro país e passam a construir uma identidade fronteiriça.

Metodologia

Para a realização deste trabalho utilizamos a observação participante, assim denominada por André (2000, p. 28) que diz: "parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado". A observação participante ocorreu em dois momentos, organizados em função dos seguintes eixos: a) acesso ao livro e leitura livre do acervo literário boliviano; b) acesso ao texto literário (livro) via mediação do pesquisador. Nessa perspectiva, optamos pelas estratégias de favorecer o acesso ao acervo literário para melhor compreensão dos modos/formas expressas pelas crianças sobre as obras, pelo fato dos textos literários estarem na língua espanhola. Sendo estes sujeitos crianças, assumimos o pressuposto de dar-lhes vez e voz, focalizando

suas ações e falas mediante ao contato com as obras. Destacamos que o segundo momento da observação participante foi mais dirigida, uma vez a mediação foi iniciada desde a escolha dos títulos que foram lidos em “Sessões de leitura”. Durante o processo de coleta de dados, o desafio foi fazer o diálogo entre a observação e a interação das crianças com as obras literárias bolivianas, uma vez que, além de observar as atitudes de leitura das crianças, também se indagava a respeito dos “porquês” na perspectiva de que explicassem escolhas de títulos, modos de ler, inferências feitas, colocando em evidencia o lugar da criança lendo, interagindo com o livro, a leitura, os seus pares e o adulto. Alunos e pais assinaram o termo de Assentimento Livre e Esclarecido para participação nas atividades e uso de imagem para fins de pesquisa.

Vivência Literária: Pequeños Lectores Fronterizos

Na fronteira, a vida é tecida por relações, e o fortalecimento dessas, deve ser compreendido como uma necessidade no cotidiano. Corumbá tem o viver da cidade fronteira, com as multiplicidades dos sentidos de pertença, nesta perspectiva que a literatura é de grande importância para compreensão da realidade social, pois nela estão as verdades de uma mesma condição humana, o que possibilita ao homem, ao ver seus costumes retratados, uma reavaliação da postura que assume.

A Escola Municipal Rural de Educação Integral “Eutrópia Gomes Pedroso, carrega duas particularidades: ser escola rural e abrigar um número significativo de alunos residentes no país vizinho. Primeiramente, cabe esclarecer que o aluno boliviano só pode estudar no Brasil com a permissão da Polícia Federal, que expedirá um documento para tal, Constituição Federal Brasileira, lei n. 6.815, 19 de agosto de 1980 (BRASIL, 1998).

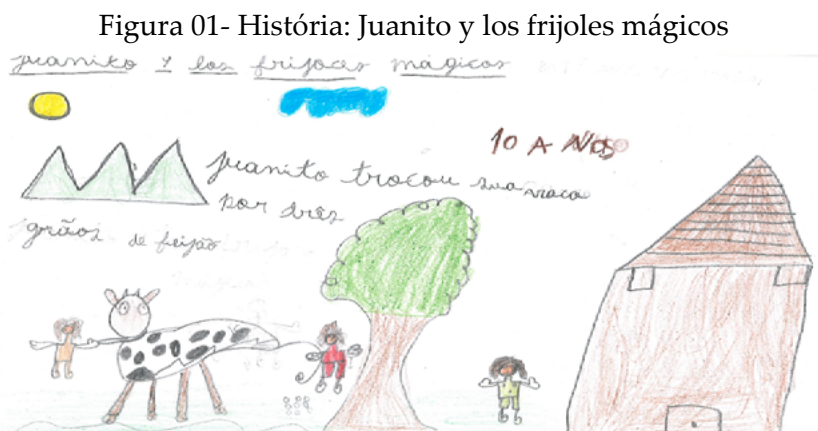
Outro fato importante a pontuar é corrigir aquilo que foi estereotipado nesses alunos, até mesmo por pesquisadores: bolivianos que estudam no Brasil. Uma vez que todos, ou a maioria deles, são documentados, com registro de nascimento no Brasil o qual lhes garantem a nacionalidade brasileira.

Assim, muitos estudantes chamados bolivianos, na verdade, pelo documento, são brasileiros residentes na Bolívia, chamados também como imigrantes na condição de pendulares como aqueles que habitam em região de fronteira, morando na Bolívia e estudando no Brasil, e retornando aos seus lares, dando a esse movimento, conotação de cotidiano. Participaram dessa atividade 30 crianças entre 7 a 10 anos matriculados do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental dentre a esse número de alunos, 23 são imigrantes pendulares, residentes na Bolívia.

Com a proposta de inserir a literatura infantil boliviana no contexto escolar dos alunos dessa escola de fronteira, o acervo composto por diversas obras literárias bolivianas infantis nacionais e estrangeiras, foram colocados em uma mesa, estratégia pensada para que as crianças tivessem vontade de ir a escolha de um livro. As obras por estarem na língua espanhola foram motivos de olhares, seguidos de manuseio para ver as figuras e invenção de histórias, sempre iniciadas pela expressão “era uma vez”. Outras iniciativas foram observadas, indo do simples folhear, ao partilhar palpites; risos provocados pelas imagens, memórias por já conhecer a história. Observações pertinentes durante as atividades de leitura: [...] Uma criança pediu que lêssemos a história “Ollantay” história sobre uma princesa Inca, demonstrando suas curiosidades pelo diferente, haja vista que no acervo tinham bastante obras tradicionais de princesas. A leitura atraiu outras crianças que se aproximaram para escutá-la. [...] As crianças que não entendiam o espanhol procuravam as outras que compreendiam para que explicassem o significado de alguma palavra, ou até mesmo para ler a história.

Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver. Zilberman (1990, p. 19) assegura que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências”.

Logo após as sessões de leitura, o “Pequeno Leitor Fronteiriço” era convidado a conversar sobre, sem fins didático-pedagógica, considerando que a leitura tem valor em si mesma, e não necessita desenvolver atividades maçantes e repetitivas depois de cada leitura, é muito bom ler apenas pelo prazer de ler e compartilhar, quando se quer, com os colegas as emoções da leitura. E algumas crianças decidiram ampliar esse prazer do conhecimento da literatura infantil do país vizinho através de desenhos:



Fonte: Desenho produzido pelos pequenos leitores fronteiriços.

Figura 02- Horacio y sus amigos



Fonte: Desenho produzido pelos pequenos leitores fronteiriços.

Figura 03- Produções livres da obra Horacio y sus amigos



Fonte: Desenho produzido pelos pequenos leitores fronteiriços.

Os desenhos retratados acima trazem em seu conteúdo a expressão do pensar e do sentir dessas crianças fronteiriças, percebe-se a utilização das cores da bandeira da Bolívia, presente em quase todos os desenhos, a escrita do nome do livro em espanhol, bem como algumas idades retratadas na língua espanhola "7 años". O desenho como uma expressão livre, permite à criança retratar as diferentes dimensões, suas experiências pessoais em busca da sua própria identidade. Desenhando, a criança pode apresentar de que forma vê o mundo, nas palavras de Adriana Friedmann (2020, p. 90) "[...]devemos deixar as crianças criarem suas próprias histórias, escrevê-las, desenhá-las, representá-las, brincá-las [...]".

Após as leituras, os *Pequenos Leitores Fronteiriços*, registraram esse momento com os livros que mais se identificaram:

Figura 04– Os Pequenos Leitores Fronteiriços



Fonte: Autor, setembro de 2019.

Interculturalidade e Literatura

Em um contexto repleto de línguas, raças, religiões, dialetos, costumes, crenças como é a fronteira envolvendo Brasil/Bolívia, especificamente Corumbá/Puerto Quijarro, não se pode negar a existência da heterogeneidade cultural e naturalmente um arcabouço de culturas que transforma esse espaço em um lugar de experiência ímpares para um extenso e variado campo de pesquisa. Essa complexidade vem acompanhada de questões que brotam em ambos os lados do território e que se apresentam como interculturais.

A interculturalidade é compreendida como uma relação de alteridade entre pessoas que são diferentes por sua cultura, gênero, religião etc. Essas relações são positivas se uns e outros aceitam seu modo diferente de ser. (XAVIER, 2005, p. 48)

É preciso entender que neste espaço fronteiriço existem diversas práticas sociais, econômicas e culturais. Tanto que Albuquerque (2006) já destacou que as fronteiras são fluxos, misturas e separações, obstáculos, integrações e conflitos, domínios e subordinações por que “representam espaços de poder, de conflitos variados e de distintas formas de integração cultural.” (2006, p.5) É nesse lugar

que se estabelece a integração ou não entre os indivíduos dos dois países. Embora as crianças, neste espaço, possam sofrer a inclusão ou exclusão, a cultura do outro contamina sem pedir licença ou se preocupar com os aspectos legais.

E a ideia da interculturalidade pode contribuir para a convivência igualitária entre os diferentes. Pela própria natureza de sua origem, a educação intercultural assumiu a finalidade de promover a integração entre culturas, a superação de velhos e novos racismos, o acolhimento dos estrangeiros e, particularmente, dos filhos dos imigrantes na escola. O enfoque da educação intercultural pode enfatizar a relação entre culturas diferentes como fator pedagógico importante. (FLEURI, 2003, p. 21)

As contribuições entre os dois países para a educação dizem respeito a troca de experiências, costumes e valores. Cada povo com suas experiências históricas e diferentes abordagens.

Uma relação de interculturalidade é qualquer uma que acontece entre pessoas de culturas diferentes, e as atitudes dessas pessoas podem ser denominadas de ações interculturais. Na fronteira, vivida como um território de muitas identidades, esse encontro de culturas faz parte de todo sistema educativo. Os alunos desta região fronteira podem usar essa riqueza a favor do alargamento de mentalidades e desenvolvimento de valores que confrontam a intolerância e o preconceito relativos às diferenças e semelhanças em um contexto de afastamento, indiferenças, visto que estarão expostos às questões culturais de uma ou outra forma e sem qualquer orientação ou direcionamento, podendo atuar de acordo com seus propósitos particulares. E uma das ferramentas que contribui para implementar um ensino mais eficaz nesse espaço é a literatura.

A literatura infantil, em si, não tem uma finalidade específica, não pode ser escrita a pedido e nem com intenção didática, moralista, muito menos doutrinária, ela tem que nascer de um espírito livre, pronto para andar descalço e sem medo, e pode ser um espaço para encontros interculturais, mostrando as diferenças e identificações de uma sociedade, no caso de Corumbá e Puerto Quijarro, como instrumento para as crianças reinventarem uma história diferente, dar e receber sem preconceitos, sem complexos de inferioridade ou superioridade, possibilitando trocas, encontros e tolerância para com o diferente e aceitação do plural. Talvez a literatura infantil traga uma nova maneira de sonhar com um mundo mais humanizado. Os textos literários quando apresentados no contexto escolar intercultural, os sujeitos que fazem parte dessa comunidade têm a possibilidade de se reconhecerem, de questionarem ao seu redor, tornando o espaço escolar um ambiente de respeito à diversidade e a sensibilização para conviver com o outro. Segundo Yunes:

A leitura tem um privilégio que é o de apresentar o mundo do desnudado das velhas escritas, das ideologias marcadas na sua produção, desnudado da letra morta, da escrita paralisante, determinada por uma razão exterior e estranha à pessoa, até que esta possa trazê-la a vida com seu próprio sangue, seu próprio vigor. (YUNES, 2003, p. 48)

Quando uma criança é submetida a uma situação de leitura literária, ela apreende e incorpora vivências e sensações até então despercebidas ou mesmo desconhecidas, Zilberman (2012, p.47), assinala que o tipo de relação construída entre o texto e o leitor só implica uma aprendizagem significativa se o texto for aceito como alteridade no qual o leitor dialoga com os personagens e se coloca no lugar do outro, a ponto de vivenciar um encantamento e identificar-se com a história.

Expor livros e deixar a criança manusear é uma experiência que Zilberman (2012), coloca como uma competência literária, pois a criança apropria-se do texto como em uma forma ritualizada:

[...] ele apalpa a obra, sentindo-se de modo tátil e explicitando a natureza carnal do livro. Depois, procura as figuras, detendo-se nas imagens visuais, para só mergulhar nas letras, que os conduzem a universos fantásticos, distantes no tempo, no espaço, nas ideias, mas próximo dele, dada a materialidade do livro, para onde o leitor, apaixonado, sempre retorna. (ZILBERMAN, 2012, p. 47)

Assim, podemos compreender que quando o “Pequeno Leitor Fronteiriço”¹ se encontra nos reflexos da sua própria existência em um texto literário e os identificam com o outro culturalmente, ele conseguiu desenvolver uma competência literária.

O conceito de competência pode, em nosso entender, assumir delineações polissêmicas, na medida em que se aplica a diversos campos do conhecimento com vários sentidos, tornando-se, assim, complicado, atribuir o seu significado. No contexto desta pesquisa, utilizamos o que parametrizou Chomsky (1965), como o conhecimento da língua, em que o indivíduo interioriza as estruturas e regras, aplicando-as em situações concretas, não se preocupando com a função social daquela. O desenvolvimento de competências ajuda na construção mental, e para que tal processo ocorra, o professor deve selecionar textos literários que motivem os sujeitos. Nos anos iniciais, considera-se fundamental que o professor saiba levar ao contexto pedagógico uma diversidade de obras literárias que promovam uma experiência cognitiva e afetiva, de forma a assegurar um compromisso do sujeito com a leitura e a literatura, que o levem ao desenvolvimento de competências várias nomeadamente na aquisição e desenvolvimento da linguagem.

¹ Nomenclatura usada na pesquisa quando se trata de crianças nas escolas da fronteira Brasil/Bolívia.

Colomer e Camps (2002, p. 175) consideram que a diversidade de textos existentes para crianças pode gerar novas linguagens, desde que, pela capacidade de transformação, aqueles sirvam de incentivadores semióticos, integrando-se estes no designado cânone literário para a infância. A criança recontextualiza a história pertencente ao patrimônio de uma memória coletiva e, sem deteriorar a comunicação subjacente, perpetua-se no tempo. A sua competência literária desenvolve-se ao nível dos conceitos e dos valores implícitos do texto, como o bem/mal, triunfo/derrota, amor/ódio, esperança/desespero, igualdade/desigualdade, justiça/injustiça, entre outros aspetos que poderíamos enumerar. Também o atingir da capacidade de percepção do Outro, respeitando e aceitando a sua diferença, permite ao leitor perceber o quanto alarga os seus horizontes, num crescendo diálogo com outras culturas, outros valores, outras etnias, fatores preponderantes à compreensão das diferenças e maneiras de estar na sociedade, ajudando a perceber como se relacionam os outros e aprendendo a agir em diferentes contextos sociais.

A escola de fronteira tem como um dos principais papéis formar os alunos, filhos de imigrantes, bons cidadãos, respeitadores das leis institucionalizadas no país de acolhimento. As minorias religiosas, linguísticas e nacionais, viram-se, muitas vezes, obrigadas a adquirir uma nova identidade e a tomarem uma nova consciência nacional.

Pois, quando esse aluno boliviano adentra o espaço escolar brasileiro, muitos tiveram que abdicar da sua cultura, da sua língua, das suas tradições face às novas exigências jurídicas e educativas do país hospitaleiro. Sendo assim, nessa pesquisa propomos algumas obras literárias infantis como constructo social na fronteira Brasil/Bolívia no auxílio do desenvolvimento das competências literárias com os Pequenos Leitores Fronteiriços.

As obras publicadas no “*Catálogo de Literatura Infantil-Pequenos Leitores Fronteiriços*” foram selecionadas considerando as diversidades de funções que um livro carrega e suas relações com os *Pequenos Leitores Fronteiriços* a fim de possibilitar diversificadas experiências literárias, dentro de uma perspectiva histórica-cultural (SANTOS, 2021).

Nessa perspectiva da pluralidade cultural, a obra “*A kantuta tricolor e outras histórias da Bolívia*” de Susana Ventura, apresenta um mundo novo à espera do leitor pois são fábulas refinadas, contos de pura magia, histórias de amor, mostrando um modo de ver o mundo e a vida que desafia e faz pensar. No livro, a Bolívia se revela em doze diferentes faces, para serem vistas e interpretadas, por crianças fronteiriças país tão próximo do nosso, mas ao mesmo tempo tão distante.

Outra obra interessante para tratar das questões culturais é o livro *“Todo mundo é misturado”* da autora Beth Cardoso, que apresenta a vida escolar do menino boliviano Pablo, que logo faz amizade com uma simpática menina chamada Júlia, e os dois enfrentam a discriminação em sala de aula, pelo fato de sua nacionalidade, e uma série de mal-entendidos e palavras trocadas em português e espanhol armam um cenário nada amigável para Pablo. Mas no fim tudo acaba resolvido e a turma compreende que todos somos juntos e misturados.

Já o livro *“Mitos, Contos e Lendas da América Latina e do Caribe”* publicado em 2008 em uma coletânea de vários autores, apresenta uma seleção contos orais que envolvem variados temas, fantasmas, seres fantásticos, lendas de amor, e lugares encantados, com personagens do folclore latino.

Outro livro da Susana Ventura: *“Um lençol de infinito fios”*, conta a história de Maria, uma garota boliviana que vive em São Paulo com sua família. Ela tem um caderno onde escreve histórias e pensamentos, pois pensa em ser escritora um dia. Com seus amigos Juan, Manoela e Jun, vive o dia a dia da grande cidade e prepara um trabalho para a escola sobre os países da América Latina. Num dia de pesquisa na Biblioteca Mário de Andrade, os amigos conhecem Ludmi, uma jovem haitiana que está na cidade em busca de seu pai. Um lençol de infinitos fios é uma delicada narrativa sobre o valor da amizade e a descoberta do poder e da solidariedade.

Ainda nessa perspectiva de imigração a obra *“A menina que abraça o vento”* da autora Fernanda Paraguassu conta, a história de Mersene, uma garotinha que teve que se separar de parte da família para fugir do triste conflito vivido na República Democrática do Congo. Enquanto se adapta à nova vida no Brasil, ela cria uma brincadeira para driblar a saudade. Enfim, a realidade social e cultural que essas obras trazem pode enriquecer e fortalecer o multiculturalismo presente no espaço escolar fronteiriço.

Algumas considerações

Considera-se a escola como um espaço de práticas de alteridade com função integradora que lhe é fundante quanto à constituição identitárias de crianças e jovens. A literatura infantil é a principal porta de acesso ao mundo da leitura, como podemos perceber a criança e a literatura infantil compartilham da mesma natureza ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras e tais afinidades fazem com que a literatura seja o mais poderoso aliado do professor e da criança pela vida afora na busca da compreensão do mundo e do ser humano.

Abordar a literatura como aproximação de culturas, é expressar o subjetivo do ser fronteiriço, ir além de limites geográficos e diferenças culturais, que são frutos de fluxos constantes dos que as atravessam, para desvendar os personagens, muitas vezes, derivadas de conflitos de classe, e de tensões étnicas presentes no território latino, pois os que vivem na fronteira não partilham somente o território, mas sim o pertencimento de culturas e assim o constructo da identidade fronteiriça no pantanal.

Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar. **As línguas nacionais na fronteira Paraguai-Brasil**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS ÉTNICO-CULTURAIS E FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO. O desafio da Interculturalidade e da equidade: a etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural, v. 3, p. 1, 2006.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, SBPC, v. 24, n. 9, set. 1972.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Nova York: Massachusetts Institute of Technology, 1965.
- COLOMER, Teresa.; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 16-35, ago. 2003.
- FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda educação, 2020
- NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v.1, n.2, dez-2007.
- PEREIRA, Jacira. Helena. do Valle. **Fronteiras étnico-cultural e geográfica: Indagações para educação sobre a (re) construção identitária de sujeitos migrantes**. Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Educação, n° 21. UFMS/CAPES, 2003, p. 1-15.
- SANTOS, Tarissa. Marques Rodrigues. **Catálogo de literatura infantil pequenos leitores fronteiriços fronteira Brasil-Bolívia**. Coordenação: Lucilene Machado Garcia Arf. Ilustrações: Vitor Hugo Souza. Corumbá, MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-graduação em Estudos Fronteiriços. Corumbá, 2021.
- XAVIER ALBÓ, SJ. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Intersaberes, 2012.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel, da. (Org.). **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.